

ECOCRÍTICA E EROTISMO NOS POEMAS DE MAGMA

Patrícia Maria dos Santos Santana¹

RESUMO: Olga Savary nos mostra, através da poesia registrada no livro *Magma*, que a força erótica e a interdependência do homem com a Natureza são fatores que regem seu trabalho criativo no que tange a valorização da mulher como um ser que tem domínio de seu próprio corpo e que sabe muito bem o que realmente quer.

Palavras-chave: erotismo; ecocrítica; poesia; Savary.

Ecocriticism and eroticism: the poems in *Magma*

ABSTRACT: Olga Savary shows us, through the poetry registered in the book *Magma*, that the erotic force and the interdependency of man with Nature are factors which move her creative work according to the valorization of women as a being who has the domain of her own body and who knows very well what she really wants.

Key words: erotism; ecocriticism; poetry; Savary.

O erotismo, no seu conjunto, é infração à regra das proibições: é uma atividade humana.

(Georges Bataille)

Em transformando o espaço, os meios natural e social, o homem também é transformado por eles. Assim o processo criativo é externo e interno (no sentido subjetivo). As transformações interna e externa caracterizam a história social e a história individual onde se visualizam e manifestam as necessidades, a distribuição, a exploração e o acesso aos recursos naturais, culturais e sociais de um povo.

Marcos Reigota

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como proposta estudar alguns poemas da obra poética *Magma* de Olga Savary sob o prisma do jogo do erotismo e da ecocrítica. Savary é uma das grandes poetisas vivas da atualidade e, com temática erótica e intimista, foi a primeira mulher a lançar um livro inteiro de poesia erótica. É relevante ressaltarmos que a obra

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela UFRJ. Bolsista Capes.

foi escrita no início dos anos oitenta, ou seja, após a Revolução Feminista. Sendo assim, retomar a história de repressão feminina nessa época é essencial para refletirmos sobre certos pontos ao longo deste trabalho.

Magma é um livro ímpar. Lançado em 1982, é obra importante por sua temática erótica e por seu especial tratamento dado ao desejo. Possui um amplo requinte formal no uso do erotismo. O magma significa o resíduo que fica após serem extraídas as partes mais fluidas de qualquer substância. Magma é aquilo que remanesce. É a camada ígnea que está no centro da Terra. Em nossa cultura, o centro é local sagrado por excelência, devido ao fato de diversas religiões acreditarem que a alma está situada no centro do corpo e também pelo fato de todas as cidades antigas terem sido edificadas em torno de um centro sagrado natural ou artificial, marcado por um monte, um lago, um templo, um obelisco ou qualquer outro tipo de monumento. Somente em torno desse centro considerado sagrado é que as comunidades poderiam se criar.

1. A CRIAÇÃO ERÓTICA COMO LIBERTAÇÃO FEMININA

O ato de amor, para Olga Savary, é uma expressão de delírio selvagem. É o delírio de ser possuída e de possuir ao mesmo tempo; de tocar e ser tocada; de amar e ser amada. Em uma construção carnalizada do ato de amar em nossa sociedade patriarcal, Savary inverte o jogo da sedução no ponto de vista da sociedade conservadora e se posiciona como também dona do ato carnal na hora de sua consumação. Savary não admite uma atitude submissa na construção do desejo da carne. Na selvageria marcada de sua poética, narra os prazeres carnavais de maneira objetiva e com extrema sensualidade, como se do seu macho ela se aproveitasse até o último momento para poder chegar ao verdadeiro intuito da relação carnal, ou seja, o seu próprio prazer. Mas a autora ressalta que nós só falamos ou damos ênfase às coisas que não temos ou mais sentimos falta: "Se a gente vivesse o erotismo completamente, não carecia escrever um só verso ou texto erótico"². E dessa falta ou escassez, Olga é, como o título do próprio livro sugere, lava, brasa, fogo de explosão.

² Entrevista com Olga Savary por Clauder Arcanjo, "O Olhar Dourado de Olga Savary" (Publicado na Revista de Humor e Cultura PAPANGU nº 40, maio 2007. Acessível em <http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=65>)

Em seu livro *O Erotismo*, Georges Bataille (1987) apresenta análises dos aspectos fundamentais da natureza humana, tecendo o limite entre o natural e o social, o humano e o não humano. O estudo afirma que há uma relação entre morte e erotismo calcada em ideias opostas de continuidade e descontinuidade, que fizeram que Bataille determinasse três formas de erotismo existentes no homem: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado. Nelas, o que está sempre em questão é substituir o isolamento do ser (sua descontinuidade) por um sentimento de continuidade profunda com Deus ou com o universo. Bataille percorre a presença oculta do erótico na religião e na filosofia relacionando o sexo tanto com a vida quanto com a morte. Segundo ele, a reprodução sexual que, na base, faz intervir a divisão das células funcionais, leva a uma nova espécie de passagem da descontinuidade à continuidade. O espermatozoide e o óvulo são, no estado elementar, seres descontínuos, mas que se unem e, em consequência, estabelece-se entre eles uma continuidade que leva à formação de um novo ser, a partir da morte, do desaparecimento dos seres separados. Ou seja, a reprodução está intimamente associada à morte e é dessa relação entre a continuidade e a morte que surge a fascinação que domina o erotismo.

O Erotismo é uma espécie de resistência do homem, pois a transgressão é um elemento inerente na sua compreensão. Sendo assim, ele se constitui como uma experiência interior, na medida em que seu sentido último está em conduzir o sujeito a um estado de interioridade plena, como afirma Bataille:

O Erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Se não damos conta disso, é porque o Erotismo busca incessantemente fora dele um objeto de desejo. Esse objeto, contudo, corresponde à interioridade do desejo... O Erotismo é, na consciência do homem, o que leva a pôr o ser em questão (BATAILLE, 1987, p. 25).

O Erotismo vai, enquanto resistência do sujeito, além do comportamento sedutor, como algo instintivo e espontâneo que busca na sua existência interior superar os limites e, como jogo sedutor, quebrar leis e restrições, ao observarmos que existimos por dentro, não havendo limites para essa existência, na qual o existir corresponde a não haver limites para a interioridade. Neste contexto, buscaremos fundamentar a compreensão do Erotismo, percebendo-o como uma constante em todos os homens, ao mesmo tempo em que a cultura se instaura em seu interior configurando-o com

intervenções segundo as variações no contexto sociocultural, concebendo restrições como proibições. Para Bataille, o erotismo representa um tipo de religião, porém, sem os dogmas das religiões oficiais. Uma experiência erótica interior verdadeira pressupõe a consciência da oposição entre interdição e transgressão, além de uma vivência dessa oposição. A transgressão é, para Bataille, a desordem organizada, na medida em que introduz num mundo organizado algo que o ultrapassa. Savary cria, por intermédio do erotismo, formas de enfrentar a desordem social vista como modelo, como padrão. Bataille diz que a essa transgressão é que dá os contornos de uma nova definição social:

Se a transgressão propriamente dita, opondo-se ao desconhecimento do interdito, não tivesse esse caráter limitado, ela seria uma volta à violência - à animalidade da violência. Mas não é isto, na realidade. A transgressão organizada forma com o interdito um conjunto que define a vida social (BATAILLE, 1987, p. 61).

A mulher que escreve, que se conhece bem e que deseja uma ruptura das tradições paternalistas faz do erotismo um modo de mudança social. O desejo está para as escritoras como um ponto de partida às mudanças que querem. A criação e divulgação, pela mulher, de uma poesia que radicaliza os modos libertários de vivenciar o desejo mostram sua parcela de contribuição no necessário processo de transformação social, uma vez que os novos valores, explícitos ou implícitos nas imagens do corpo feminino livre para o prazer, abalam alicerces de resistentes estruturas de dominação masculina. O desejo se posiciona como uma espécie de linha emancipatória do pensamento machista.

2. O FATOR ECOLÓGICO NA POESIA SAVARIANA

Também preocupada com uma visão ético-política do mundo que nos cerca, Olga Savary nos mostra um ecológico jeito de agir e pensar nas linhas de seu *Magma*. Esse jeito de agir está nas linhas de seus poemas transmitindo a importância do que existe em cada indivíduo, seja ele homem ou mulher, alertando ao fato de o deixar ser o como forma primordial de respeito ao próximo. O homem não deve oprimir ou ser oprimido em nenhum momento. Ele deve ser livre sempre. Félix Guattari (2012) propõe a articulação, que chama de Ecosofia, entre o que seriam os três registros

ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana), visando uma mudança da forma de se viver em nosso planeta, respeitando-o:

É concebível, em compensação, que a nova referência ecosófica indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios (...). Trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero. (GUATTARI, 2012, p. 15)

Alguns fatos nos levam a pensar que transformações já estão em curso. Guattari dá o exemplo da designação de mulheres para cargos de confiança e chefia e da reivindicação de paridade homem-mulher nas instâncias representativas. Isso significa dizer que a Ecosofia social se constitui a partir do desenvolvimento de práticas específicas que modifiquem e reinventem maneiras de ser no que diz respeito à família, ao casal, ao contexto urbano, ao trabalho, ao mundo. A questão que se coloca para o futuro é a de cultivar a produção singular da existência, ou o que ele chama de dissenso, ou seja, o cultivo da diferença como algo positivo e possível. É a partir daí que devem surgir novas possibilidades e frentes heterogêneas para articular as novas práticas ecológicas, ou seja, micropolíticas e microssociais. O autor propõe fazer com que a singularidade, a exceção, a raridade funcionem junto com uma ordem estatal o menos pesada possível. É a possibilidade da mudança, do fazer diferente, do ressignificar, que permite o não engessamento das práticas culturais. Guattari mostra que a ecologia é muito mais do que preservação do meio ambiente, tendo a ver ainda com a preservação e construção de uma sociedade de seres humanos saudáveis e importantes mutuamente.

A mulher escreve vendo o seu corpo como local do prazer e local de interação com essa Natureza onde tudo e todos são significativos, ressignificando a estabilidade e a interação, remetendo o leitor para a possibilidade de constituição de Territórios Existenciais. Esses Territórios Existenciais registram a subjetividade como fator fundamental, tendo como ponto de partida o corpo e o modo de ser, respeitando os homens como seres únicos e abrindo espaço a novos equilíbrios de vida. O homem não está no mundo para destruir e, sim, para conviver sem polarizar, sem hierarquizar, sem dualizar; o homem deve sempre realizar o viver significativo em um mundo onde libertar-se é ser. Olga Savary se serve desse pensamento para mostrar uma intrínseca

conexão entre poesia feminina e ecologia num movimento que mostra a relação estreita existente entre a exploração e a submissão da natureza, das mulheres e dos povos subjugados pelo poder patriarcal. Tudo isso representa uma mudança de paradigma. Há a intenção de um convívio sem dominante e dominado, onde tudo se complementa e não existe exploração. Desta forma, inicia-se o cultivo de relações colaborativas no lugar de relações dominantes, reestruturando, assim, a noção de poder.

Com o passar dos anos, ou seja, desde a libertação feminista aos dias de hoje, a escrita feminina toma contornos próprios e se posiciona como uma forma de resgate ao que foi perdido. A mulher vem se mostrando como sujeito social em nome de sua moral, moral esta que fora concebida pelos moldes masculinos e pelo pensamento da sociedade patriarcal. Carol Gilligan (1997) define a moral feminina como aquela que altera uma perspectiva hierárquica dando lugar a uma visão de que o eu e os outros serão tratados como tendo o mesmo valor. A mulher não quer se mostrar superior ao homem, mas apenas quer ser considerada como ser humano desejante, como um ser com o mesmo valor e direito masculinos.

Savary em sua relação direta com a Natureza e com o erotismo em seus poemas, prestigiando um sentido erótico/ecológico, nos remete à ideia levantada pela professora e pesquisadora Angélica Soares no que concerne à composição feminina sobre tal temática:

Em simbiose com a Natureza, se enlaçam as õraízesõ corpóreas, a assinalarem o caráter duradouro do amor radicalmente plantado: ao contrário do que acontece com relações superficiais, desenraizadas porque fixadas em bases de poder opressivo, onde não há lugar para o nós (...)
O discurso erótico/ecológico feminino, como temos visto, é, sobretudo, o da revalorização da mulher, pois esta se lança nos versos, com frequência, como agente da cena amorosa, participando da promoção do prazer e dele também usufruindo. (SOARES, 1999, p. 82)

3. MULHER, ÁGUA E IDEOLOGIA

Eni Orlandi (2005, p. 38) ressalta que òtodo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa, nas palavras do sujeitoõ. Enfatiza que o sentido que se tem do discurso parte de uma relação do sujeito com a história, ao esclarecer que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. A ideologia e o inconsciente estão materialmente representados pela língua. Não podemos nos esquecer de que nos

tornamos homens e mulheres através da educação que recebemos dentro de um discurso social, já que a nossa identidade se constrói ali. Homens e mulheres têm suas identidades sociais construídas por meio da aceitação ou da negação de diferentes papéis que a sociedade quer ver desempenhados através de diversas categorias, inclusive a de sexo. Antes, a literatura era um desses campos em que a mulher não tinha a chance de se expressar devido a fatores que iam da falta de escolaridade à total negação de sua expressividade artística. Depois, a literatura tornou-se um doce caminho de libertação. O campo masculino da literatura foi sendo, gradativamente, tomado por grandes escritoras que se tornaram ícones para o pensamento moderno, de modo que a literatura e a poesia tornaram-se o elo de análise desse pensamento vanguardista feminino. Olga Savary faz parte desse cenário de vanguarda brasileiro. A personagem feminina dos poemas do livro *Magma* desvincula-se do seu papel passivo no processo sexual, inserindo-se merecidamente como coautora do evento erótico (TOLEDO, 2009, p. 66). A própria poeta, em entrevista, explica a audácia de suas mulheres:

Minhas mulheres ó as mulheres que apresento nos poemas e contos ó não são submissas; são as que determinam e norteiam sua própria vida. Elas são para elas mesmas. Algumas pessoas, principalmente homens, da geração mais jovem, adoram estas mulheres; já os da minha geração estranham, às vezes não gostam, ficam incomodados. Dia virá em que não estarão mais em estado de perplexidade, espero. Quanto a mim, faço minha parte, dou meu recado (*id. ibid.*).

A poética atrevida de Savary toma as rédeas da relação e, ao mesmo tempo em que julga o homem seu rei, paradoxalmente o nomeia seu vassalo. O *Sumidouro* é o poema que abre *Magma*. Nele, a figura do rei implica toda uma simbologia arquetípica do homem. A coroação de um rei equivale a um elevado estágio de poder humano em sua relação de união com Deus. O rei representava a imagem da união do céu com a terra. As civilizações antigas julgavam que todo rei era um escolhido divino. Nele também está a ideia de pai e de herói. Todavia, Savary carnavaliza a noção inicial e torna súdito o seu suserano através do amor carnal:

SUMIDOURO

Talhe da audácia
e da covardia, meu rei e vassalo,
engolir de pássaros,
golpe de asa

fartura de água
na árvore da vida,
na terra me tens
com os pés bem plantados.
Aqui nado, aqui vôo,
telúrica e alada.

A poesia de Olga usa abundantemente a palavra ãáguaö. Quase todos os poemas de *Magma* mostram o uso dela:

A água sempre me atraiu, porque foi lá que a vida no planeta Terra começou. Nascemos no líquido amniótico dentro da barriga da mãe pessoal, ou seja, dentro da água. O melhor parto é dentro da água. Assim, sempre usei esse elemento em poemas e nos textos todos como origem de vida e como metáfora erótica. Água é água propriamente dita ô seja rio, igarapé, mar ô ou as águas do corpo. Antônio Houaiss, ao escrever apresentações críticas sobre *Magma* e outros livros meus, chamou-me a atenção para o fato de eu ter usado a palavra água um sem-número de vezes (o número não me lembro agora, teria de contar no livro, livros), e era para eu tomar cuidado senão acabava morrendo afogada em tanta água. Rimos os dois e os outros amigos da ABL, que escutavam a conversa, com a brincadeira³.

A água representa também a umidade da mulher (e do órgão sexual masculino) no momento de prazer e desejo, e esta chega como um símbolo muito forte quando o assunto é sexo:

SENSORIAL

Íntima da água eu sou por força,
Mar, igarapé, rio ou açude,
Pela água meu amor incestuoso.

Dentro da classificação do imaginário de Durand, a água, nesse caso, seria o signo concreto que evoca, por uma relação natural, algo ausente ou impossível de ser percebido. Marleine Toledo (2009) assim explica a importância da água no livro *Magma*:

Em *Magma*, é visível o papel da água como elemento primordial na construção da *ars erotica* da autora. A recorrência desse signo no livro foi motivo de comentário de Antônio Houaiss, que disse à poeta: ô Cuidado,

³ Entrevista com Olga Savary por Clauder Archanjo, ðO Olhar Dourado de Olga Savaryö (Publicado na *Revista de Humor e Cultura PAPANU* nº 40, maio 2007. Acessível em <http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=65>)

menina, tem tanta água nesse livro que prefacio que você está arriscada a morrer por afogamento. Água, aqui, entende-se por arquétipo de origem, criação, nascimento, vida e renascimento.

E não é aleatória a escolha feita pela poeta. Já em *Ser*, o poema inicial de *Magma*, a água aparece como elemento configurador do sentido erótico. (TOLEDO, 2009, p. 68)

O homem desejado pela poeta é animal, animalesco ao extremo. Um macho. Segue ao ponto de ser fera, de ser violento de tanto prazer com sua patada de bicho feroz e cheio de desejo. Sobre essa particularidade da autora, Marleine Toledo nos mostra que ãa paixão, conforme Savary, despe-se de seu caráter meramente humano para transformar seres amantes em macho e fêmea, cavalo e cavaleiro, e insere, repetidas vezes, elementos do mundo animal no insinuante jogo erótico (TOLEDO, 2009, p. 72). Ao descrever o homem como macho, Olga Savary age ecologicamente, uma vez que nos coloca na real condição de animal que somos:

(...) olho no olho o bicho que me espreita
ponho-me nua para ser domada
e o coração do magma eu atiro à fera.

O crítico Gerson Valle (2006) salienta que a ãselvageria de Savary em suas obras muito tem a ver com a sua identificação plena com a natureza brasileira. Essa alegoria homem-bicho é muito latente. É comum vermos em seus poemas, além de toda essa selvageria, um amado que não consegue saciar o desejo que surge das entranhas da poeta, pois este desejo é algo que nunca cessa; o desejo é como a própria vida que nunca para.

Os poemas ãVida I e ãVida II se completam, por isso são disponibilizados no livro exatamente nessa ordem. No primeiro poema, a poeta se mostra selvagem como o coração da terra e morde com vontade os frutos da árvore da vida. Uma árvore perseguida por ela, pois é uma árvore que navega no espinhaço do tempo, ou seja, é um ser duradouro, cheio de longevidade:

VIDA I

A árvore que persigo mato a dentro
navega no espinhaço deste tempo.
Mordo seus frutos como se eu mordera

a agreste cor de tua carne roxa
com a fúria de rios pelos joelhos.

Selvagem é o coração da terra
e o meu.

Por vez, no segundo poema que dá continuidade à ideia de entendimento de vida, a poeta nos conta que nada deseja do mundo em si. Somente quer dele ãesta pênsil adaga nua que se dilata. A conotação usada explicita o órgão sexual masculino em seu momento de ereção. A palavra -faloø empregada de forma polissêmica, como verbo e substantivo, na forma substantiva nos remete ao próprio órgão sexual masculino. Nesse momento, é isso que interessa à voraz poeta. Essa é a sua verdade:

VIDA II

Quase não falo e do mundo
não quero nada do mundo;
só um aceno, alguma espiga
e apenas esta pênsil
adaga nua
que se dilata
em aéreos jardins de espuma
sitiando a forma viva.

Marleine Toledo nos explica que se Savary diz que ão amor é vida, é porque assim o sente, mais do que pensa. Em outras palavras, o que a faz vibrar e sentir-se viva não é um amor aparentado com contemplação ou abnegação, porém um amor doido, que recupera positivamente o homem-bichoø (TOLEDO, 2009, p. 162). Assim, o campo vai se abrindo para a criação de Savary, que se mostra cuidadosa em seu ato de escrever, para que a sua poesia não seja rotulada como uma mera expressão de uma mulher pornográfica e oprimida pela dominação masculina no seio social. A autora não chama a atenção dos seus leitores com literatura de baixo calão. Em nenhum momento, a poeta faz isso. Vejamos, pois, mais uma criação savariana:

É PERMITIDO JOGAR COMIDA AOS ANIMAIS

A sombra vindo da floresta
cobrindo-nos como um toldo,
os anéis de folhas e raízes
e os véus de areias e marés,

a água vindo em meio ao fogo aceso,
olho no olho o bicho que me espreita,
ponho-me nua para ser domada
e o coração do magma eu atiro à fera.

O poema acima é repleto de erotismo e simbologia. Água e Fogo se unem e não apagam o desejo. A água representa o ser em estado total de excitação e o fogo alude ao próprio desejo. Dentro da mata, ela se depara com o bicho que a vigia. Ela não recua e se põe pronta para ele. Ela se entrega e õse serveõ ao animal, como o título do poema sugere. A poeta se entrega ao prazer e vira a õcomidaõ de seu predador no sentido erótico do termo. No sentido simbólico, podemos entender o poema como uma referência à questão de sexo e poder da õhipótese repressivaõ levantada por Foucault em *História da Sexualidade I*. A Sociedade vive, desde o séc. XVIII, uma fase de repressão sexual e se maltrata cruelmente por conta disso. Nessa fase, o sexo se reduz à sua função reprodutora e o casal passa a ser o modelo. O que vai além disso torna-se um mal social e é expulso, negado, reduzido ao silêncio.

A hipótese repressiva não pode ser contestada, já que serve ainda à sociedade atual. Continuamos a formular, em termos de repressão, as relações de sexo e poder. Se o sexo é reprimido, o simples fato de falar do sexo ultrapassa todos os limites. Com a hipótese repressiva, podemos vincular revolução com prazer e tratar a liberação sexual. Foucault mostra que os mecanismos para disciplinar a sociedade se exercem através da formulação do saber sobre o corpo. É na construção de um õcorpo dócilõ submetido às estratégias de dominação que se estabelecem bases em que essas estratégias são alicerçadas, garantindo, assim, sua continuidade e permanência. No investimento político do corpo, o filósofo investiga a questão do poder como estratégia de táticas. Existe uma produção de õcorpos dóceisõ disciplinados a funcionarem de acordo com a norma social. É dentro da concepção da sociedade disciplinar que Foucault desenvolve o conceito de "dispositivo da sexualidade" definido como um conjunto heterogêneo que inclui discursos, instituições, decisões regulamentares, leis, proposições filosóficas e morais. Quando a poeta diz que õé permitido jogar comida aos animaisõ, ela está se posicionando contra os padrões criados pela sociedade reguladora, mostrando que o õnãoõ fora extinto e o corpo repleto em suas vontades sexuais também o fora.

Em õGuerra Santaõ, Olga menciona que a fera de que tem medo é também quem ela mais deseja. Ela se contradiz no jogo da sedução: usa palavras doces para, depois,

rebater tudo com palavras ásperas. Procura, assim, ficar igual aos bichos no seu modo de agir: domada e arredia. No fundo, quer sexo, ou seja, quer ser dilacerada com as garras do bicho para ver a sua pontiaguda parte lhe tomar as entranhas:

GUERRA SANTA

Tenho um medo da fera que me pelo,
ao vê-la quase perco a fala
(embora seja a fera o que mais quero)

mas reagindo digo-lhe palavras doces
e palavras ásperas, torno
igual minha voz à voz dos bichos

para seduzi-la ou para intimidá-la,
para que pontiaguda me tome das entranhas
depois de dilacerar com as garras meu vestido.

Também podemos entender a fera como o próprio homem, o ser dominante em uma sociedade patriarcal que sempre possui o controle da situação. O poema retoma a ideologia da hipótese repressiva de Foucault de modo que medo e desejo se misturam. A fera a faz perder a fala, mas é, ao mesmo tempo, tudo o que ela mais quer. Cansada de ser um òcorpo dócilõ definido socialmente, ela anseia por ir além e seduzir.

Os dois poemas que se seguem têm o mar como tema central, juntamente com o desejo. Em òMar Iõ, o mar lembra o vai e vem do ato sexual que, por fim, crava uma adaga roxa no corpo da poeta. Savary retoma nesse poema um mito teogônico com o poder do esperma de Urano que, ao ser castrado pelo filho, Cronos, tem seu sêmem caído no mar, gerando a deusa da beleza, Afrodite (que significa em grego Æspuma do Marø). A poeta menciona que queria sempre estar vestida de branco, uma vez que o branco é destinado aos deuses e, nesse momento, julga-se digna de ser deusa também. É o desejo de pureza se misturando ao desejo da violação. Também podemos compreender que ao querer estar de branco como convém aos deuses, ela propõe-se a um sacrifício. Como sabemos, o sacrifício é um ato religioso. Ao ser imolada, poderá tornar-se sagrada. O ato sexual também é um rito. A ação ritual realiza uma transcendência vivida, um culto solene que conduz o homem à ilusão da ruptura da descontinuidade batailleana, pela revelação, no instante da culminância do rito no orgasmo. O orgasmo traz o sentimento de continuidade divina e reforça fazer parte do

mundo da continuidade. É uma impossibilidade, uma vez que nós somos seres fundamentalmente descontínuos e individualizados:

MAR I

Para ti queria estar
sempre vestida de branco
como convém aos deuses
tendo na boca o esperma
de tua brava espuma.
Violenta ou lentamente o mar
no seu vai-e-vem pulsante
ordena vagas me lamberem coxas,
seu arremesso me cravando
uma adaga roxa.

Podemos dizer que o poema visto anteriormente abusa da ironia e faz alusão íntima ao fato de a mulher ser considerada uma criatura dominada pelo homem desde os primórdios da civilização. De branco, representará sempre a virgindade e a pureza, ou seja, o objeto sensível de dominação ãnaturalö do homem. Como menciona Bataille, ãna medida de sua atração, uma mulher serve de alvo ao desejo dos homens (...), ela se dá como um objetoö (BATAILLE, 1987, p. 123). Por sua vez, ãMar IIö nos mostra uma declaração de amor e de ódio (sentimentos muito extremados e que podem se fundir) ao amado Mar que é seu macho, seu cavalo e também um cavaleiro chicoteando a sua rainha. Ela é ãa areiaö desse mar. Sua completude. Numa conclusão extremada, a poeta declara que ela é ãtoda águaö, ou seja, ela é somente desejo:

MAR II

Amo-te, amor-meu-inimigo,
de mim não tendo piedade alguma.
Amo-te, amor-sol-a-pino,
feroz, sem nenhuma sombra.
Estás inteiro em mim
e vou sozinha.
Ao ver-te, amor, minha sorte ficou
como se diz: marcada.
Mar é o nome do meu macho,
meu cavalo e meu cavaleiro
que arremete, força, chicoteia
a fêmea que ele chama de rainha,
areia.

Mar é um macho como não há nenhum.
Mar é um macho como não há igual
- e eu toda água.

Nesses poemas, a água savariana que surge com as representações do mar nos passa uma metáfora com muito mais abundância erótica e ferocidade carnal dos movimentos sexuais.

O poema a seguir mostra alguns pontos: a terra, termo que Savary usa para se autodenominar; as manhãs e sua atmosfera propícia ao sexo; o trajar da cor branca para designar pureza e divindade. A poeta reconhece a força encontrada em sua voluta roxa (aqui, uma metáfora para a sua parte íntima), lugar de obsessão de seu amado. Compreende a sua vagina como instrumento de imperfeita perfeição:

PELE DE TERRA, MINHA MORADA

Pele de terra, minha morada,
para ti portas abertas, abertas
as comportas do mar deflagrado
na manhã vendo-te vindo todo de branco.
Aqui o pio de pássaros e algumas árvores,
nossa imaginação, teus objetos,
fingem floresta para o selvagem e quase
sem ternura momento de naufrágio.
Minha voluta roxa e ascendente
ao labirinto-caracol, tua obsessão,
só agora te descobro, ah minha força,
instrumento contra meus excessos,
minha imperfeita perfeição.

Uma vez que ser ecológico é compreender a cultura como habitar, cultivar e cultivar (CASTRO, 1992), citamos o poema como uma reflexão de Savary ao fato de entender sua própria pele em fusão com o mundo e com a própria terra. Uma forma ecológica de se enxergar nesse mundo, sempre atendida e pertencendo a tudo que a cerca.

Olga Savary conclui *Magma* com três poemas, em numeração romana, intitulados ãSumidouroö. Fecha, assim, um ciclo, uma vez que o poema que abre o livro também é intitulado ãSumidouroö, mas, nesse primeiro caso, sem qualquer numeração:

SUMIDOURO ó I

Tocas a fímbria dos desfiladeiros,
fruindo a cor do figo e da romã
no nascente e secreto sumidouro.
É tarde nas folhas e nos muros,

nas sombras do tanque de lodo e musgo,
 é tarde já, é noite ó e o sol vem vindo
 e a primavera vindo onde a água
 é o mel feroz de pássaros em tua língua,
 onde o amor deságua em delta e tudo é fogo.

SUMIDOURO ó II

Direi então: amor é onde
 o junco e as dunas soam mais brando
 e os frutos cheiram mais e são mais doces,
 onde há embriaguez e uma tensão
 de corda esticada no limite
 e tudo é lasso, onde
 as abelhas perdem a ferocidade
 sendo mais mel,
 onde tudo é ordem e labirinto.

SUMIDOURO ó III

E onde é sol mesmo na sombra
 porque tudo arde na grama
 quando a língua em chama sobe à fonte
 do delta das coxas, onde
 a vida é prometida nos dardos,
 nas setas e espadas.
 E é com o mel de tua espuma
 que se encontra a arqueologia
 dessa água intemporal.
 Dou a noite a quem merece o dia
 e é com sabedoria que me matas
 no claro interstício dessa faca.

Sumidouro significa uma abertura profunda pela qual alguma coisa desaparece. É uma fenda na terra, um escoadouro. Após mostrar ao leitor que o magma representa o fogo do desejo, a vida, o lugar sagrado do nosso centro (alma), a poeta retorna ao começo de tudo, parecendo abrir novamente uma fenda em sua obra. Em *Sumidouro Iô*, vemos o prazer carnal mais uma vez anunciado. O sumidouro está exatamente onde o amor deságua em delta e tudo é fogo. Na água, isto é, na excitação e gozo, e no fogo, ou seja, no desejo, resume-se a ideia de todo o prazer que podemos encontrar nesta vida. Sumidouro aqui é o próprio sexo. Sobre o citado poema, a própria Olga Savary nos fala:

Sumidouro I é o poema que mais gostei de ter escrito na vida. Pelo menos um dos, porém acho que é o preferido. Por quê? Por ter saído de um jato, quase sem retoques. Escrevo e às vezes aparo ãas arestasö, ãenxugöö, como

costumo dizer. Gosto da Trilogia, mas o 1º é a minha cara (SAVARY *apud* TOLEDO, 2009, p. 73).

oSumidouro IIö continua a intencionalidade de Savary. Sua definição do amor, como boa amante selvagem, recai novamente no ato sexual e em seus órgãos. É interessante ver que a poeta define o amor como lugar e não como sentimento ao mencionar o amor é ondeö.

No poema oSumidouro IIIö, encontramos delírio, sêmen, furor sexual, vida e morte. Na imagem da língua em chama que sobe até a testa do delta das coxas, temos mais uma vez uma alusão ao sexo oral fervoroso vindo de uma língua ávida. Porém, a poeta sabe muito bem que a vida só ocorre através de dardos, setas e espadas (entendidos aqui como metáfora para o pênis). No mel da espuma (sêmen) do amado é que se encontra o desejo não temporal que ela carrega (sua água intemporal). A morte anuncia o instante fugaz e pleno do delírio sexual batailleano. Nos versos oDou a noite a quem merece o diaö / òe é com sabedoria que me matasö/ òno claro interstício dessa facaö encontramos o momento de perda, de retorno à descontinuidade do homem, como Bataille nos revelou em *O Erotismo*. A faca entra no poema como um símbolo fálico que tem o poder de dar prazer e também -fazer morrerø através da efemeridade do ato sexual. E na água, mais uma vez, Savary reforça a sua criação poética com base no recurso da Natureza que metaforicamente mais se assemelha ao gozo e ao desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Magma é uma obra artística criada no início dos anos oitenta e que representa a libertação feminina das pressões sexuais impostas pela sociedade de décadas anteriores. Até então, somente o homem era compreendido em seus instintos sexuais. Tal vulcão sexual, refletido na imagem feminina, contribuiu decisivamente para mudar a forma de se pensar a mulher socialmente. O Erotismo vai como algo instintivo e espontâneo que busca na sua existência interior superar os limites e, como jogo sedutor, quebrar leis e restrições, ao observarmos que existimos por dentro, não havendo limites para essa existência, na qual o existir corresponde a não haver limites para a interioridade.

Com a Ecocrítica, diversas obras têm sido escritas com os fundamentos ecológicos, muitas organizações têm sido criadas e muitas mudanças já começaram a

ocorrer no seio da nossa sociedade caracterizada como capitalista e patriarcal. Olga Savary trabalha seu livro dentro da perspectiva da Ecosofia social ajudando no desenvolvimento de práticas específicas que modifiquem e reinventem maneiras de ser no que diz respeito à mulher, ao casal, ao mundo. A questão que se coloca para o futuro é a de cultivar a produção singular da existência. No cultivo da diferença como algo positivo e possível veremos que a singularidade e a exceção podem andar lado a lado. É a possibilidade do fazer diferente, do ressignificar, que permite o não engessamento das práticas culturais. A ecologia é muito mais do que preservação do meio ambiente, tendo haver ainda com a preservação e construção de uma sociedade de seres humanos diferentes, mas em pé de igualdade em seus valores. Lugar onde homem e mulher são vistos como seres igualmente importantes

O livro pertence a uma nova visão da escrita feminina do corpo que aponta que as partes do corpo e o universo feminino significam a percepção de um mundo vivenciado e experimentado. A obra savariana foi idealizada com o intuito não só de escandalizar, mas também de gerar uma espécie de aceitação diferente e positiva do gênero feminino no universo da literatura. Seus poemas são um doce caminho de libertação pessoal e social, devendo, por isso, ser lidos, estudados e celebrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCANJO, Clauder. ÕO Olhar Dourado de Olga Savaryö. In: *Revista de Humor e Cultura Papangu*, nº40, maio de 2007. Disponível em <http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=65>; Acesso em 20.08.2010 às 20h.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CASTRO, Manuel Antônio. ÕEcologia: a cultura como habitaçãoö. In: SOARES, Angélica (org.). *Ecologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II - O uso dos Prazeres*. RJ: Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade I ó A vontade de saber*. RJ: Graal, 1984.

GILLIGAN, Carol. *Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher*. Lisboa: LCG, 1997.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 2002.

SAVARY, Olga. *Magma*. São Paulo: Massao Ohno-Roswith Kempf, 1982.

SOARES, Angélica Maria Santos. *A Paixão Emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. *Olga Savary: erotismo e Paixão*. SP: Ateliê Editorial, 2009.

VALLE, Gerson. *Olga Savary, toda poesia*. In: *Poiesis - Literatura, Pensamento & Arte*. Nº 122, maio de 2006, pp. 6-7.

Recebido em 26 de março de 2013.

Aceito em 7 de julho de 2013.